

O pensamento econômico heterodoxo de Diego Guerrero e a categorização trabalhista e seus desdobramentos na saúde em Juan Cesar Garcia

The heterodox economic thought of Diego Guerrero and the labor categorization and its implications on health in Juan Cesar Garcia

El pensamiento económico heterodoxo de Diego Guerrero y la categorización laboral y sus repercusiones en la salud en Juan Cesar García

Resumo

Neste artigo é feita a correlação entre as ideias neomarxistas de dois pensadores da economia heterodoxa e os problemas de saúde ao qual o atual sistema impõe aos trabalhadores, devido às condições de trabalho dentro do capitalismo, com o objetivo de identificar o pensamento econômico que otimiza a relação trabalho/saúde. Para tal, foi utilizado o ensaio como modalidade textual e análise de conteúdo como método. De forma a situar ambos os pensadores, apresenta o artigo, numa primeira parte, com o contexto histórico vivido por cada um e um breve resumo de seus pensamentos. Em seguida, fala sobre as principais ideias e conceitos dos autores e, em última instância, apresenta as considerações finais demonstrando a importância e atualidade dos conceitos exemplificados em cada pensador.

Palavras-chave: economia, trabalho, condições de trabalho, capitalismo, saúde.

Códigos JEL: B24; E12; E13; E24

Abstract

This article establishes a correlation between the neo-Marxist ideas of two heterodox economic thinkers and the health issues that the current system imposes on workers due to the working conditions within capitalism. The main objective is to identify the economic thought that optimizes the relationship between labor and health. To achieve this, the essay was used as the textual modality, and content analysis was employed as the method. The article first situates both thinkers by presenting the historical context in which each of them lived, along with a brief summary of their thoughts. Then, it delves into the authors' main ideas and concepts, and finally, it presents the concluding remarks, demonstrating the importance and relevance of the exemplified concepts in each thinker's work.

Keywords: economy, work, working conditions, capitalism, health.

JEL Codes: B24; E12; E13; E24

Resumen

En este artículo se establece una correlación entre las ideas neomarxistas de dos pensadores de la economía heterodoxa y los problemas de salud a los que el actual sistema somete a los trabajadores, debido a las condiciones laborales dentro del capitalismo, con el objetivo de identificar el pensamiento económico que optimiza la relación trabajo/salud. Para ello, se utilizó el ensayo como modalidad textual y el análisis de contenido como método. Con el fin de situar a ambos pensadores, el artículo presenta en una primera parte el contexto histórico en el que vivieron cada uno y un breve resumen de sus pensamientos. A continuación, se abordan las principales ideas y conceptos de los autores y, finalmente, se presentan las conclusiones, demostrando la importancia y actualidad de los conceptos ejemplificados en cada pensador.

Palabras clave: economía, trabajo, condiciones laborales, capitalismo, salud.
Codigos JEL: B24; E12; E13; E24

Introdução

O capitalismo tem sido muito discutido e criticado pelos pensadores heterodoxos e neomarxistas desde longo tempo, pelos efeitos deletérios que ele tem causado na vida dos trabalhadores assalariados, pela imposição de trabalho físico pesado e automatizado. Apresenta metas elevadas de produção e sem os devidos intervalos de descanso e com folgas insuficientes que resultam em problemas sérios na saúde dos trabalhadores, tanto física, quanto mental. Seja por esforço físico repetitivo, ausência de descanso e/ou trabalho prolongado. Essas atividades exaustivas causam como consequência o impacto negativo ao longo do tempo, atinge a continuidade do trabalho e quebra da rotina, e também, na permanência e manutenção do capitalismo.

O modo de produção no contexto do capitalismo traz um perfil assimétrico indissociável do próprio sistema, que beneficia uns em detrimento de outros. A consequência desse desgaste físico, psicológico e social, culmina em sua própria destruição no futuro. Uma das medidas e se corrigir ou amenizar os efeitos desse modelo são as intervenções estatais baseadas nos modelos keynesianos, que trazem estabilidade temporária em momentos de desequilíbrio, sem possibilidade do mesmo se revigorar, portanto ainda assim sem sucesso, leva o modo de produção capitalista à uma tendência de ser substituído em algum momento pelo modo socialista ou por um novo modelo de socialismo.

Com as ideias anticapitalistas de dois pensadores da economia neomarxista e heterodoxa, é feita uma dura crítica ao modo de produção capitalista e as consequências à saúde dos trabalhadores assalariados. Os dois autores são o argentino Juan Cesar Garcia (1932-1984) e Diego Guerrero - atualmente professor de economia da Universidade Complutense de Madri, ambos com ideias bastante similares quando se trata de criticar as péssimas condições de trabalho impostas pelo modo de produção capitalista, evidencia

sua perversidade e selvageria, o qual explora de forma injusta e desigual o trabalhador, de modo muito certo, direto e sem rodeios.

Garcia aborda a maneira com que o capitalismo explora o trabalhador assalariado, operário, metalúrgico, da indústria em formação, principalmente em relação ao esforço intenso, que lesa o indivíduo fisicamente e mentalmente, pelo desgaste físico e repetitivo, muitas vezes intenso, associado a um prolongado período de trabalho sem intervalo e descanso adequados. Tal esforço, de acordo com o autor, finda em levar ao adoecimento e comprometimento importante da saúde do trabalhador, pelo trabalho excessivo e desumano, sem o devido reconhecimento e consideração que um ser humano merece para ter uma vida digna e tranquila em família.

Guerrero, por outro lado, fala sobre os destinos do capitalismo, que em sua opinião, vai acabar em algum momento, apesar das intervenções estatais muitas vezes advindas das diretrizes keynesianas, decorrente de seu caráter assimétrico e desigual, que beneficia alguns, em detrimento de outros. No final, mesmo após períodos de estabilidade, o modo de produção capitalista, segundo o autor, irá acabar e dará lugar ao socialismo ou algum tipo de socialismo novo, modificado, aperfeiçoado, permitindo condições de vida mais justas a todos os cidadãos e principalmente aos trabalhadores.

Guerrero e Garcia: Apresentação biográfica intelectual e político-institucional

Apresentação de Guerrero e a obra “Historia del Pensamiento Económico Heterodoxo”

Segundo Guerrero¹, em seu trabalho sobre o pensamento econômico neomarxista, o neomarxismo significa, antes de tudo, um conjunto de contribuições centradas nas teses do capitalismo monopolista, subdesenvolvimento e troca desigual.

Para o autor², entre os discípulos atuais de Marx há uma divisão de opinião: os que seguem repetindo totalmente a obra de Marx, e acreditam que o futuro do capitalismo é o socialismo, e os que vão além da obra de Marx,

buscando desenvolvê-la, não apenas repetindo-a. Há ainda os autores marxistas, que estudam e defendem o marxismo, mas sem a teoria da “mais valia/valor” do trabalho. O ponto de convergência entre todos é a crença de que o socialismo irá suceder o capitalismo, estando presente nas teorias de forma implícita ou explícita.

Entre os “neomarxistas” descritos por Guerrero, o economista J. Schumpeter, apesar de desenvolver o pensamento econômico heterodoxo, possuía ideias distantes das de Marx. Ele não estava muito interessado na dialética hegeliana, na teoria do valor-trabalho, ou na questão de saber se é ou não possível transformar os valores de Marx em “preços de produção”, sem alterar a soma total de mais-valia. Em vez disso, ele estava muito interessado no “imperialismo” e o problema do colapso ou crise geral do capitalismo e, portanto, a teoria da acumulação, crise e pauperização”³ (ibid., páginas 963-4). Schumpeter foi considerado heterodoxo quando lhe ocorreu publicar as conhecidas reflexões de seu livro “Capitalismo, socialismo, democracia: Pode sobreviver o capitalismo? Não, eu creio que não. Pode funcionar o socialismo? Sim pode sim.” Guerrero² admite que seu pensamento vai de encontro ao pensamento de Schumpeter, embora os argumentos sejam diferentes.

Ainda em seu livro sobre a história do pensamento econômico heterodoxo, Guerrero afirma que “é impossível falar de qualquer forma de heterodoxia econômica séria que não defenda alguma forma de socialismo, ou alguma versão da teoria do valor-trabalho, ou ambos”.

Para Guerrero², uma vez que a teoria do valor-trabalho clássica e marxista, ou teoria do valor-trabalho, leva a uma troca desigual entre capital e trabalho, ou seja, à exploração, a primeira tarefa enfrentada pelos economistas neoclássicos era encontrar uma nova base para o valor das mercadorias, diferente do trabalho.

Guerrero avalia que os neoclássicos tinham um grande dilema: encarar o mundo real, com a exploração e seus conflitos de classe entre capitalistas e trabalhadores ou se ater a um mundo ilusório e em equilíbrio ótimo e perfeito. A teoria perfeita caiu por terra com a grande crise de 1929, e na década de 30 floresceu uma nova teoria baseada na teoria keynesiana, uma nova abordagem

mais preocupada em entender realisticamente a extensão do mal que a economia capitalista parecia sofrer do que em continuar fechando os olhos para a realidade.

Outra concepção do neomarxismo é o “Neomarxismo Keynesiano”, que para alguns se tratava da fusão das melhores contribuições de ambas as correntes¹. Para Guerrero² “é um erro tratar a obra de Keynes como uma obra de esquerda, uma vez que sua intenção era dar sobrevida ao capitalismo”. Para ele, a mensagem Keynesiana é a tese de que o mecanismo de intervenção privada, que é outra forma de descrever o sistema capitalista, ao intervir, deve fortalecer a demanda global, evitando assim o desemprego.

Guerrero² contrapõe esse pensamento ao refletir que a proposta das políticas macroeconômicas de Keynes - Política de gastos deficitários - aumentar os gastos públicos sem aumentar os impostos - característica das políticas posteriores a 2ª Guerra Mundial, constituíram a maior potencialidade da mensagem keynesiana. A mudança de paradigma foi o suficiente para que, nas últimas três décadas, fosse possível testemunhar como as políticas de déficit público de orientação keynesiana foram responsabilizadas por quase todos os males econômicos atuais.

Dessa forma, para Guerrero, os seguidores do pensamento econômico heterodoxo vão assumir uma posição assimétrica entre trabalhadores e capitalistas. Eles concordaram em rejeitar a virada intelectual neoclássica keynesiana em direção à negação das contradições da produção capitalista e concordaram em afirmar que a posição assimétrica entre capitalistas e trabalhadores, baseada na extração do trabalho excedente dos últimos pelos primeiros, seja analisada a partir da teoria do valor-trabalho ou de outra forma. Desta forma, leva a um resultado claro: ou essas contradições apontam, segundo alguns, para a superação socialista do capitalismo, ou pelo menos, para outros, geram a impulso que serve como uma crítica fundamental dos resultados da sociedade capitalista.

Apresentação de Garcia e a obra “La Categoría Trabajo em Medicina”

O autor argentino, médico e sociólogo, aborda temas relevantes tanto para o período ao qual foi escrita a sua obra e seu desenvolvimento, entre as décadas de 60 e meados de 80, quanto para a atualidade. Ao questionar e procurar desvendar como a medicina social foi diretamente afetada com o desenvolver e aprimoramento do sistema capitalista e suas explorações, Garcia faz uma minuciosa evolução histórica, sempre correlacionando a questão do trabalho e o processo de saúde-doença inserido neste contexto.

Garcia inicia o seu texto com a premissa de que medicina em exercício, praticada em seu tempo, entende a atividade desenvolvida no trabalho por uma pessoa que causa o adoecimento desta é consequência de um fenômeno biológico individual que ocorre no âmbito do consumo⁴. Essa lógica ainda é desenvolvida até os dias atuais. Modelos de prestação de assistência aos indivíduos são desenvolvidos com objetivos de serem aprimorados e executados na prática da medicina, até mesmo na saúde coletiva⁵.

Esse modo de pensar a saúde do trabalhador no caráter personalizado e individualizado acaba por culpabilizar o indivíduo pelo seu adoecimento e o responsabiliza pela sua cura. Não considera o contexto social em que está inserido, suas dificuldades e limitações. Negligencia sua condição sócio-econômica com dificultadores no cuidado à saúde.

Garcia⁴ utiliza como recurso a estratégia para decifrar a relação de categoria trabalho com o processo saúde-doença, no capitalismo, como parte da análise lógica da categoria trabalho na composição do capitalismo maduro, e no interior desta análise é salientada a história objetiva e subjetiva das entidades patológicas relacionadas ao trabalho.

O trabalho, segundo Marx na perspectiva de Garcia, tem duplo caráter, “é sempre no seu aspecto da força humana no sentido fisiológico; assim, considerado trabalho humano igual o trabalho abstrato, forma o valor das mercadorias. Mas por outro lado, o trabalho está sempre em outro aspecto, investimento da força de trabalho como concreta, para um fim, assim, considerado como trabalho concreto, útil, produz valor de uso”⁶. É a partir desse

preceito que Garcia irá desenvolver o seu raciocínio a respeito do processo saúde-doença e sua relação com o das relações sociais e ambiente.

Em seu texto, Garcia relata que a medicina contemporânea raramente estuda a essência da relação trabalho-saúde no seu caráter bifásico, considerando apenas o aspecto abstrato quantitativo. Relata que o trabalho das pessoas é visto pela medicina principalmente como exaustivo pelo gasto de energia que é produzido durante um expediente intenso, ou seja, a fadiga patológica. Dessa forma ignora o aspecto concreto qualitativo do trabalho e seu papel transformador no homem⁴. Então, para além do adoecimento físico advindo da exaustão do trabalho, outro fator que pode adoecer o indivíduo é o entrave de não conseguir ver seu papel sendo desenvolvido na sociedade, sua contribuição particular, mas somente reproduzir atividades sem fins concretos e úteis no dia-a-dia.

Garcia, apoiado na perspectiva marxista da transformação do homem pelo trabalho no desenvolvimento de suas potencialidades, discorre que o trabalho útil, criador de valor de uso, consiste no desenvolvimento das capacidades físicas e mentais do ser humano, desta forma é capaz de produzir saúde. Define que a saúde é o máximo desenvolvimento do homem de acordo com o grau de avanço na sociedade em um período histórico determinado. Diz ainda que, no capitalismo, o trabalhador não consegue desenvolver as suas potencialidades porque apenas são desenvolvidas as suas forças produtivas, o que impossibilita o crescimento físico e mental. Por consequência, quando não se estimula as condições objetivas, subjetivas e as potencialidades do trabalhador, gera o seu adoecimento, como pode ser visto na sociedade capitalista⁴.

Em seu texto, Garcia expõe que o trabalhador, quando exerce uma função no desempenho das suas potencialidades, mas que a demanda do mercado não esteja sendo correspondida, acaba por não desenvolver as suas funções físicas e mentais. Para o capitalismo, isso será definido como desemprego, como por exemplo, as mulheres que trabalham sem remuneração. Cita, ainda, que na década de 30, como resultado do desemprego, ocorreu o crescimento das doenças por consequência da pobreza. Já na década de 70, o desemprego, além de diminuir a expectativa de vida, também reduziu benefícios de aposentadoria

e afastamentos do trabalho. Questiona ainda que os estudos na América Latina sobre o desemprego e a saúde ainda são escassos⁴.

Já na manufatura, a potencialidade da força produtiva deriva da cooperação social, ou seja, os trabalhadores precisam estar trabalhando em conjunto e o sucesso da produção depende dessa cooperação. Porém, esta divisão do trabalho, base da manufatura, é exaustiva. A individualização e repetição do trabalho ao longo dos anos, acarreta no adoecimento do indivíduo pela sua atividade profissional. Além disso, Garcia acrescenta outro ponto como consequência do trabalho manufaturado na perspectiva de Marx que é a atrofia intelectual e física indissociável⁴.

Garcia também aborda em seu texto estudos que mostram consequências deletérias à saúde por meio de atividades repetitivas e fora de postura ergonômica ou natural do corpo para se adaptar ao uso das máquinas, causando hipertrofia muscular em um segmento do corpo por repetição dos movimentos e atrofia em outras pela falta de uso. Além disso, cita disfunções motoras e utiliza o exemplo de costureiras para tal. Discorre, também, sobre outras causas de adoecimento por trabalho, como deformidade óssea, problemas circulatórios e intoxicação por manipulação de produtos químicos. Com o avançar do trabalho industrial é introduzido neste meio as mulheres e as crianças e os danos à saúde são intensificados para a população em geral⁴.

As atividades nas indústrias manufatureiras se modificam e ficam mais sofisticadas tanto na forma de realizar o trabalho, como na própria divisão de trabalho, ficando assim, cada vez mais eficientes. Porém, não são benéficas ao trabalhador, como pode-se ver na criação de diversas patologias e uma variedade de sintomas psicossomáticos, com o aparecimento de desordens mentais com importantes alterações funcionais⁴.

Garcia, ao relacionar o trabalho abstrato com o processo saúde-doença, indaga que o trabalho constante, com o avanço do capitalismo, e o trabalhador exercendo diferentes tipos de trabalhos incidem no processo saúde-doença. Também ressalta que o gasto de energia para executar um trabalho, considerado trabalho abstrato, interfere na saúde do trabalhador e para entender essa

relação, precisa ser considerado o tempo da jornada de trabalho e delimitar seus limites mínimos e máximos⁴.

Acrescenta a esta visão, a dificuldade dos empresários capitalistas em implantar indústrias em locais onde as pessoas não estejam dispostas a trabalhar nas condições propostas e têm uma ideia pejorativa destas pessoas. Infere que, quando a medicina está alinhada aos interesses da economia, a queixa de exaustão pelo aumento de cobrança de produtividade não é valorizada, mas sim, é colocada na categoria de doença por não ser produtivo. Neste momento, não se considera força ou jornada de trabalho, mas como será sanada a “doença debilitante”⁴.

Também relata os esforços para se eliminar a ancilostomíase, que no início do século passado, era frequente e considerada “doença debilitante”. Dessa forma, houve um incentivo financeiro dos empresários concomitantemente à medicina para reduzir as pessoas contaminadas e não ter interferência na produtividade. Por um lado, foi um passo positivo de caráter progressivo do capitalismo⁴. No entanto, como o objetivo é não deixar os trabalhadores doentes para que possam trabalhar, o avanço em investimentos para erradicar determinadas doenças de importância em saúde pública (como a febre amarela) – que, ao serem combatidas, podem favorecer outros meios e locais para exploração, levando ao surgimento de outras epidemias, principalmente doenças tropicais e do meio rural – demonstra o real caráter explorador do capitalismo.

A partir dos anos 40, estas doenças começam a diminuir e, em contrapartida, começa o incentivo a programas contra a desnutrição. Já após a II Segunda Guerra Mundial, com o desenvolvimento da industrialização, surgem os problemas de saúde do trabalhador urbano. A partir dos anos 70, percebe-se o surgimento de doenças ligadas à produção de subsistemas, como Chagas e Leishmaniose.

Também irá abordar os limites físicos do ser humano para executar determinada atividade vinculada a sua intensa jornada de trabalho e trará esse adoecimento como o conceito de fadiga patológica, que vem desde o século XIX até os dias atuais. Define a fadiga patológica como o esgotamento pela força de

trabalho que se exerce além da capacidade humana sobre uma concentração muscular⁴, que quando estão nos limites fisiológicos causam adoecimento⁷. A concepção da fadiga patológica surge para demonstrar os efeitos deletérios da extensa jornada de trabalho⁴. E no início do século XX surgem estudos que relacionam a fadiga com a produtividade como trabalhado na obra de Josephine Goldmark⁸.

Define a fadiga patológica e suas mudanças de significado com base em quatro períodos de evolução conceitual, sendo a primeira delas como o esgotamento pela força de trabalho que se exerce, além da capacidade humana sobre uma concentração muscular⁴, que quando estão nos limites fisiológicos causam adoecimento⁷. A concepção da fadiga patológica surge para demonstrar os efeitos deletérios da extensa jornada de trabalho⁴.

Durante e após a I Guerra Mundial, surge o segundo período de estudos que tentam relacionar a fadiga com a produtividade e não mais sobre um fenômeno biológico de contrações musculares. Já na década de 50 e parte de 60, é caracterizado o terceiro período de estudo, que relaciona a fadiga e a extrema atenção e concentração, sob a hipótese de que esta causa stress, gera assim, um mal-estar ao indivíduo como um todo e não a um órgão ou tecido específico. Por fim, na década de 70, é apresentado o quarto período em que “o conceito de fadiga adquire um significado psicossocial”⁴, o qual afeta o trabalhador mesmo fora das fábricas, por sentirem uma falta de sentido e inutilidade do trabalho exercido.

Esta produção de conhecimento referente à fadiga patológica ocorre de forma mais preponderante em países capitalistas desenvolvidos, enquanto em países dependentes é notado o estudo principal sobre as enfermidades debilitantes. Somente após o início de um desenvolvimento industrial é que nota-se um crescimento do estudo sobre o tema, com o intuito, dentre outros, de estabelecer uma jornada de trabalho “normal”.

Garcia apresenta em sua obra, também, o trabalho abstrato e o trabalho concreto e a forma com que cada um se relaciona com o processo de saúde-doença. O autor mostra que a relação mais saudável para um trabalhador é a de um artista e de trabalhadores artesanais, por aplicarem diversas formas de

funções orgânicas sob a produção e exercerem a criatividade no desenvolvimento do indivíduo. Este formato exclui a possibilidade das deformidades e adoecimentos causados pela repetição articular dos movimentos impostos às manufaturas e indústrias, além de não gerar a invalidez no sentido do trabalho⁴.

Uma questão importante a ser levada em consideração, destaca o autor, diz respeito sobre a utilização exclusiva da métrica do “salário” para analisar a relação trabalho-enfermidade. Métrica esta é a que exclui parte da população trabalhadora, ou seja, aquela não remunerada, como os trabalhos domésticos, os quais acabam ficando de fora desta estatística. Porém, ainda é possível identificar uma associação entre classe social e acidentes de trabalho.

O processo de saúde-doença no capitalismo e o pensamento econômico heterodoxo como contraponto

Com o desenvolvimento da manufatura e seu trabalho coletivo visado orientado à na produtividade, surgem as enfermidades mais extremas vistas até o surgimento deste formato de produção. Com a divisão de trabalho, apesar de gerar enormes ganhos de produtividade para os capitalistas, percebe-se o aumento de doenças, especialmente relacionadas ao trabalho repetitivo. Juan Garcia, em sua obra, deixa clara a relação entre o desenvolvimento econômico do sistema atual e a geração e atenuação de doenças relacionadas ao trabalho.

A evolução das manufaturas para a indústria perpassa, de forma até então inimaginada, o processo de saúde-doença em relação ao trabalho, o qual gera formas de esgotamento de energia e fadigas patológicas, além de doenças psicossomáticas. A falta de criatividade para os trabalhadores da grande indústria cria a inutilidade na percepção do trabalho, o tédio e a falta de sentido, determinantes para a fadiga e conseqüente queda de produtividade.

É a partir da queda de produtividade da força de trabalho que o interesse na área da saúde vira uma questão de cunho político-social, com foco na saúde, por parte dos donos dos meios de produção. Porém, mesmo com tal preocupação, a perversidade do sistema capitalista permite aos donos dos meios de produção diversas alternativas para ultrapassar uma crise na

produtividade devido a doenças relacionadas ao trabalho, inclusive a utilização do exército industrial de reserva que, apesar de regular os salários dos trabalhadores de acordo com a própria oferta e demanda, permite a troca da força de trabalho, como contempla Cristina Possas:

Refere-se à força de trabalho disponível, ou seja, à população sobrando de reserva no mercado de trabalho, em permanente intercâmbio com a força de trabalho ativa. Nesse sentido, o exército de reserva identifica-se com emprego temporário e não com o afastamento crônico do mercado de trabalho.⁹

Não obstante, o capitalismo e seu desenvolvimento permitem que os donos dos meios de produção em países desenvolvidos migrem suas fábricas com equipamentos perigosos e pouca precaução contra acidentes, além de geração de substâncias nocivas, para países subdesenvolvidos. Este fenômeno acaba levando os capitalistas a instalarem a sua produção prejudicial em países em que a legislação é menos estrita, o que acaba por prejudicar não apenas os trabalhadores fabris em si, mas toda a população em volta.

Tendo por base um sistema econômico difundido mundialmente, é de enorme dificuldade a alteração anticonformista como a visão heterodoxa de Guerrero, apesar de fazer sentido frente à evolução do processo saúde-doença apresentada por Garcia em sua evolução histórica sobre o assunto. Fica evidente a influência do capitalismo sobre o agravamento da relação saúde-doença apresentada, inclusive pela impossibilidade de dissociação entre elas. Enquanto a evolução do capitalismo se fazia presente e cada vez mais intensa, sincronicamente evoluíam os processos deletérios da população circunscrita a ela.

Garcia aponta, ainda, a estudos sobre epidemiologia e a relação entre trabalho e a saúde, tendo por base a renda, o nível de educação e prestígio ocupacional dos trabalhadores versus as enfermidades apesar de destacar a diferença entre trabalho e “força de trabalho”, mas pontuando a relação básica intrínseca ao capitalismo de que quanto maior for a jornada de trabalho, maiores os riscos de adoecer.

Com base nos achados de Garcia, a relação descrita por Guerrero em que a teoria do valor-trabalho leva a uma desigual troca entre o capital e o

trabalho, evidencia-se o caráter prejudicial da exploração das forças produtivas e, desta forma, a geração de doenças na relação trabalho-saúde no formato capitalista atual. Ambos os autores estão alinhados na forma de pensamento econômico tendencial, para o fim do capitalismo.

Considerações finais

O que podemos concluir das reflexões e ideias que os autores querem transmitir aos seus seguidores e às próximas gerações, são os impactos negativos do capitalismo sobre os trabalhadores, sempre explorados, sofrendo fisicamente e psicologicamente pelos efeitos deletérios causados pelo modo de produção capitalista.

O resultado apresentado são sequelas graves e irreversíveis aos trabalhadores, sem o devido reconhecimento e ressarcimento pela burguesia capitalista e pelo Estado, que, na verdade, intervém em situações de desequilíbrio para tentar manter a estabilidade econômica. De forma prática, tais intervenções aparentam improvável êxito no salvamento do capitalismo, gerando apenas uma estabilidade à espera da nova e inevitável crise.

A deterioração e conseqüente extinção do sistema capitalista no futuro, dará lugar, muito provavelmente, ao socialismo ou a um tipo similar de socialismo, corrigindo certamente as imperfeições e injustiças intrínsecas do capitalismo, trazendo melhora na qualidade de vida e nas condições de trabalho dos cidadãos em geral e, principalmente, às classes trabalhadoras das próximas gerações.

Uma questão interessante que podemos ressaltar nesse trabalho, é o fato de que mesmo o assunto tendo sido abordado em outra época em que as condições de trabalho e as leis trabalhistas eram bastante diferentes das atuais e sendo os pensadores explicitamente heterodoxos e contra a exploração da mão de obra pelo capitalismo, praticamente apenas exaltando todas as suas injustiças, os mesmos não reconhecem em momento algum eventuais pontos positivos trazidos pelo capitalismo aos trabalhadores e suas famílias, por mais ínfimos que possam parecer. Logicamente que tudo tem dois lados, vantagens e desvantagens, independentemente do tema, crença e situação de cada

indivíduo. Todavia, nesse caso em especial, não é apontada nenhuma vantagem associada ao sistema capitalista bem como seu impacto nas pessoas e na sociedade em geral, como por exemplo: maior inclusão social; acesso facilitado ao financiamento de moradias e outros bens eventualmente necessários para educação de seus filhos, como computadores, livros, etc; estabilidade; direitos trabalhistas; acesso à saúde e educação privada de melhor qualidade; direito a aposentadoria; décimo terceiro salário; cesta básica; cartão alimentação e férias remuneradas, sendo todos esses benefícios importantes para melhorar as desigualdades, injustiças e logicamente a qualidade de vida dos trabalhadores e suas famílias. Contrariamente ao que pensam os autores, todos esses benefícios são trazidos justamente pelo modo de produção capitalista, que é tido como o “lobo do homem” e talvez no texto o maior inimigo dos trabalhadores, mostrando as diferentes facetas desse tema que é cheio de nuances, controvérsias, polêmicas e de difícil convergência de ideias entre os diferentes indivíduos de uma sociedade multicultural e heterogênea. Portanto, segundo os autores, o capitalismo lesa e explora os trabalhadores, piorando na maioria das vezes sua saúde; todavia, por outro lado, não se reconhece nenhum ponto positivo associado a melhores condições de vida através dos direitos adquiridos pelo trabalho estável e assalariado, permitindo melhores possibilidades para quem é empregado em comparação aos que não tem emprego regular e conseqüentemente acabam não podendo usufruir de nenhuma das vantagens obtidas pelo trabalhador assalariado.

Se realmente a tendência evolutiva do sistema econômico atual migrar, como explanado pelos autores, o capitalismo vai acabar e será substituído por algum outro modo de produção econômica e de vida. A pergunta que fica no ar é: como ele seria substituído? Qual seria o novo modo de vida das pessoas e de produção econômica? Enfim, como seria o novo socialismo? Isso pode levar muito tempo para acontecer, pois o mundo todo, apesar de amplamente capitalista, é bastante diversificado, multicultural, com crenças religiosas muito diversas e com vários costumes e idiomas diferentes, sendo bastante complicada a mudança de tudo e de todos num curto período para um novo tipo de sistema econômico, que agrade e contemple os anseios de todos, onde tudo seja melhor, mais justo, mais simples, sem disputas, sem competições e sem

guerras. E como seria essa nova sociedade e esse modo de vida sem o trabalho da maneira explorada como é atualmente? Como as pessoas “ganhariam” a vida neste novo formato? Provavelmente seriam todos menos individualistas, mais preocupados com o planeta, com o meio ambiente e sem a pretensão de acúmulo de capital e da expansão cada vez maior da propriedade privada.

Enfim, não se sabe quando e como uma transformação desta magnitude poderia ocorrer, mas imaginar como seria um mundo totalmente diferente, mais justo, menos desigual, mais solidário e preocupado com o coletivo e com a sustentabilidade do planeta Terra, como já era propagado pela geração dos Beatles desde a década de 1970, parece um importante primeiro passo.

No entanto, temos uma sociedade trabalhadora que ainda adocece pelos mesmo motivos já descritos, e persiste sem conseguir recursos para o acompanhamento da saúde. O trabalho ainda é um dos principais condicionantes do adoecimento. Garcia, inaugura uma escola importantíssima, quebra paradigmas, institui o olhar para a saúde nas suas necessidades fundamentais. O processo saúde-doença passa a ser visto e considerado para além da doença. Enaltece a saúde como bem estar psicossocial.

Portanto, mais do que nunca esses pensamentos políticos têm sua relevância, principalmente na academia. É dentro desta perspectiva que temos hoje no Brasil o Sistema Único de Saúde universal, sem a barreira da carteira assinada e equânime. É a partir de críticas como a de Guerrero que se pode reivindicar melhores condições de trabalho, uma vez que já foram mostrados os efeitos devastadores, tanto para a economia, mas principalmente para os trabalhadores, da exaustão do trabalho.

Dessa forma, o pensamento político desses autores se torna de extrema importância, uma vez que é a partir dessas críticas que se levanta os questionamentos a respeito da saúde no processo de trabalho. Não é possível deixar passar despercebida a construção de uma nova perspectiva no pensamento em saúde para o futuro das próximas gerações.

Referências

1. El pensamiento económico neomarxista. Diego Guerrero Jiménez. • Información Comercial Española, ICE: Revista de economía, ISSN 0019-977X, • Nº 865, 2012 (Ejemplar dedicado a: Nuevas corrientes de pensamiento económico), págs. 31-42
2. Historia del pensamiento económico heterodoxo. Diego Guerrero Jiménez. Trotta, 1997. ISBN 84-8164-174-X
3. Schumpeter 1954, páginas 962-963 (SCHUMPETER J. (1954): History of Economic Analysis, London: Routledge [Historia del análisis económico, 2.ª edición, Barcelona: Ariel, 1982])
4. JC Garcia. La categoria trabajo en medicina. Publicado en Cuadernos Medicos Sociales - Nº 23 - CESS - Rosario.
5. MS Barbosa, MMF Ribeiro. O método clínico centrado na pessoa na formação médica como ferramenta de promoção de saúde. Rev Med Minas Gerais 2016; 26 (Supl 8): S216-S222.
6. Karl Marx: "O Capital", Século XXI, México, 1975. Capítulo I, Vol. 2, pág. 57.
7. CD Giulio, F Daniele, CM Tipton. Angelo Mosso and muscular fatigue: 116 years after the first congress of physiologists: IUPS commemoration. Adv Physiol Educ 30: 51–57, 2006; doi:10.1152/advan.00041.2005.511043-4046/06 \$8.00 Copyright © 2006 The American Physiological Society
8. J Goldmark. Fatigue and Efficiency - A Study In Industry. Russell Sage Foundation. New York. Printed May, 1912.
9. Cristina Possas. Saúde e Trabalho - A Crise da Previdência Social. São Paulo: Editora Hucitec, 1989. P. 47